

# Espécies invasoras chegam à Amazônia; desafio é evitar que se espalhem

Category: AMAZÔNIA,GERAL,MEIO AMBIENTE

escrito por Maria Luiza | 18 de junho de 2026



Quando pensamos em ameaças à biodiversidade amazônica, é comum imaginarmos desmatamento, fogo, mineração, garimpo, mudanças climáticas e grandes obras de infraestrutura. Todas essas pressões são reais e urgentes. Mas há outra ameaça, menos visível no debate público, às vezes mascarada em formas carismáticas e do nosso convívio, mas que avança de forma silenciosa: a introdução e a expansão de espécies exóticas invasoras na Amazônia.

Essas espécies podem parecer inofensivas no início. Uma planta usada para deixar o quintal mais bonito ou uma muda usada para recuperação de áreas degradadas. Um animal criado para a caça ou para a produção. O problema começa quando esses organismos escapam do controle, estabelecem populações viáveis e passam a se espalhar para ambientes onde não ocorriam naturalmente.

A partir desse ponto, a invasão biológica deixa de ser apenas um problema ecológico. Ela pode afetar lavouras, rios, áreas protegidas, unidades de conservação, infraestrutura, saúde pública, abastecimento de água, restauração florestal, a produção de alimentos e os modos de vida de populações locais.

# Um guia para reconhecer, prevenir e agir

Foi nesse contexto que elaboramos o “Guia de Espécies Exóticas Invasoras da Amazônia Legal”, publicação do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Sínteses da Biodiversidade Amazônica, INCT-SinBiAm. O guia reúne informações sobre espécies exóticas invasoras registradas na Amazônia Legal, partir de dados científicos disponíveis, incluindo uma lista publicada por Rafael D. Zenni e colaboradores em 2024 e duas consultas públicas conduzidas pelo INCT-SinBiAm.

Essas consultas reuniram especialistas, pesquisadores e colaboradores de diferentes áreas e regiões do Brasil. O processo resultou na compilação de uma lista de 141 espécies exóticas invasoras para a Amazônia Legal, sendo 82 animais e 59 plantas.

A principal mensagem do guia é simples: conhecer é o primeiro passo, mas não basta. É preciso prevenir novas introduções, detectar rapidamente as espécies que chegaram, agir antes que se espalhem e integrar a pesquisa, a gestão e a sociedade.

## Invasores, um problema mundial

No mundo, os custos econômicos associados às espécies exóticas invasoras já ultrapassam US\$ 423 bilhões por ano, segundo o relatório global da Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES). No Brasil, uma primeira avaliação estimou pelo menos US\$ 105,53 bilhões em custos acumulados entre 1984 e 2019, dos quais a maior parte correspondeu a danos e perdas, e não a investimentos em prevenção, controle ou erradicação.

Essa diferença é importante. Ela mostra que, em geral, pagamos muito mais caro quando agimos tarde. No caso das invasões biológicas, a melhor estratégia quase sempre é evitar a sua

entrada. Quando a espécie já chegou, a resposta precisa ser rápida. Quanto mais cedo ocorre a detecção, maior a chance de erradicação ou de controle. Quando a espécie se espalha, o custo aumenta, a remoção se torna difícil e os impactos podem se tornar permanentes.

O Ministério do Meio Ambiente reconhece as espécies exóticas invasoras como uma das grandes ameaças ao meio ambiente, com impactos sobre biodiversidade, ecossistemas naturais, serviços ambientais, saúde, economia e patrimônio genético. Na Amazônia, essa preocupação ganha uma dimensão particular porque a região combina alta biodiversidade, grandes áreas ainda conservadas, forte dependência dos recursos naturais e o rápido avanço de atividades humanas em algumas fronteiras de ocupação.

## **Javali e javaporco: quando a invasão anda, cava e destrói**

Um exemplo que ajuda a entender o problema é o javali, *Sus scrofa*, e suas formas híbridas conhecidas como javaporco. A espécie é nativa da Europa, Ásia e África, mas foi introduzida em diferentes regiões do mundo associada à criação comercial e à caça. No Brasil, tornou-se um dos casos mais conhecidos de invasão por mamíferos.

Os impactos da invasão de javalis incluem destruição de lavouras, predação de animais nativos e de criações, impedimento da regeneração da vegetação e transmissão de doenças. No guia, a espécie aparece como uma das invasoras de interesse para a Amazônia Legal, justamente pela combinação entre a capacidade de expansão e os impactos potenciais sobre ambientes naturais e produtivos. E, considerando a grande escala territorial da região, a detecção precoce depende de redes locais, monitoramento, formação de equipes e comunicação rápida entre instituições.

# **Leucena: uma árvore aparentemente inofensiva que pode virar um problema**

Outro exemplo é a leucena, *Leucaena leucocephala*. A espécie é nativa da América Central e do México e foi amplamente difundida em várias regiões tropicais. Ela pode ser usada em sistemas agropecuários, cercas vivas, ornamentação, produção de biomassa e recuperação de áreas degradadas. Mas essa aparente utilidade não elimina seu potencial invasor.

A leucena cresce rapidamente, produz muitas sementes e pode formar populações densas em áreas abertas, degradadas, margens de rodovias, pastagens, restingas e outros ambientes. Quando se estabelece, compete com espécies nativas e pode dificultar processos de regeneração natural.

Esse exemplo é importante porque mostra que nem toda invasão começa com uma espécie vista como “vilã” e que usar espécies com potencial invasor em programas de restauração pode criar um novo problema em vez de resolver um antigo.

# **Urochloa arrecta: quando a invasão chega aos ambientes aquáticos**

As gramíneas do gênero *Urochloa*, antes frequentemente tratadas como *Brachiaria*, constituem outro grupo que merece atenção. Algumas espécies foram amplamente utilizadas como pastagens no Brasil. Em ambientes terrestres, elas podem competir com plantas nativas, alterar a estrutura da vegetação e dificultar a regeneração.

Em ambientes aquáticos, o problema pode ser ainda mais complexo. A espécie *Urochloa arrecta*, conhecida como braquiária d'água e braquiária-do-brejo, é nativa da África. Ela vive em locais úmidos, em reservatórios e em ambientes de

água doce. Forma massas densas de vegetação, compete com espécies nativas, inibe o crescimento de outras plantas e reduz a biodiversidade local.

Em 2020, um estudo registrou a ocorrência de *Urochloa arrecta* no Pará, e mostrou que a dispersão da espécie ocorreu principalmente em ambientes alterados, como áreas próximas a pastagens, agricultura, mineração, estradas, moradias e margens com perda de vegetação ripária.

Isso sugere que mudanças no uso da terra podem facilitar a entrada e a expansão da espécie. E esse é um dos maiores desafios amazônicos: a invasão biológica raramente atua sozinha, ela se soma ao desmatamento, à fragmentação, à degradação e perda das margens de rios, à abertura de estradas e à expansão de atividades humanas.

## **Por que a prevenção importa tanto**

Há uma lógica simples nas invasões biológicas. Antes da chegada, a prevenção é mais barata e mais eficiente. Logo após a detecção, a erradicação ainda pode ser possível. Depois da expansão, o controle se torna contínuo, caro e muitas vezes incompleto.

Por isso, as políticas públicas para espécies invasoras precisam começar antes da crise. Elas devem incluir listas de espécies prioritárias, avaliação de risco, fiscalização de transporte e comércio, regras para uso em restauração, protocolos de detecção precoce, respostas rápidas, bancos de dados atualizados e comunicação entre pesquisadores, gestores e sociedade.

Na Amazônia, essas ações precisam considerar a realidade local. A região tem áreas extensas, grande diversidade de ecossistemas, múltiplas formas de uso da terra e muitos lugares com difícil acesso. Também abriga povos indígenas, comunidades tradicionais, agricultores familiares, unidades de

conservação, áreas urbanas, grandes empreendimentos e sistemas produtivos diversos. Um bom sistema de prevenção e resposta precisa dialogar com todos esses setores.

O trabalho foi realizado como produto do INCT SinBiAm, mas só foi possível graças à colaboração entre diferentes redes que atuam na Amazônia, incluindo a Rede Amazônia Oriental (Rede AmOr, formada pelo PPBio Amazônia Oriental, o PELD-AmOr, o BIF-AmOr, o FlorAmor, o PanTropIn; o Cenbam; o PPBio Amazônia Ocidental; o Capacream e o Instituto de Biodiversidade e Conservação da Amazônia.

No caso das espécies invasoras, essa ciência em rede pode ajudar a identificar novas ocorrências, validar registros, orientar gestores, formar estudantes, apoiar ações de educação ambiental e transformar dados científicos em decisões mais rápidas. Na Amazônia, proteger a biodiversidade nativa também significa impedir que invasões silenciosas se tornem problemas irreversíveis.

Fonte: Metrópolis e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso  
18/06/2026/08:45:24

*O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:*

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)

- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

*Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: [folhadoprogresso.jornal@gmail.com](mailto:folhadoprogresso.jornal@gmail.com).*

**Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](#)– (93) 98117 7649.**

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

*Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](#) (Claro)  
- Site: [www.folhadoprogresso.com.br](http://www.folhadoprogresso.com.br) e-mail: [folhadoprogresso.jornal@gmail.com](mailto:folhadoprogresso.jornal@gmail.com)/ou e-mail: [adeciopiran.blog@gmail.com](mailto:adeciopiran.blog@gmail.com)*